



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E A RELAÇÃO COM O SOCIOCONSTRUTIVISMOElba da Silva*
(UESB)Guilhermina Alves Brito**
(UESB)Wanderson Oliveira dos Santos***
(UESB)Glauber Barros Alves Costa****
(UESB)**RESUMO:**

Este trabalho apresenta uma reflexão relacionada ao ensino de Geografia na educação básica e a utilização do Socioconstrutivismo enquanto linha de trabalho na construção do conhecimento dos alunos, a partir da atuação do professor. Para a elaboração do artigo foi feito um levantamento teórico-metodológico, juntamente com pesquisas de campo, no intuito de observarmos na prática como se dá a interação professor-aluno com base no modelo de ensino socioconstrutivista. Durante a pesquisa desenvolvida foram feitas entrevistas e observações diretas em uma escola do município de Vitória da Conquista nas aulas de Geografia. Sabe-se que o modelo socioconstrutivista centra, sobretudo, na figura do aluno, onde este já possui uma carga de conhecimentos adquiridos durante sua vivência. Sendo assim, o profissional docente passa a ser apenas um mediador entre o conhecimento e o aluno. Como resultados pode-se apresentar as concepções do professor de Geografia acerca do socioconstrutivismo e o ensino de Geografia.

* Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e membro do grupo de pesquisa Educação, Políticas públicas, Meio Ambiente e Representações. Email: elbadasilva@live.com

** Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: guel.brito@hotmail.com

*** Graduando do curso de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e membro do grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia. Email: wanderson18@gmail.com

**** Professor Orientador - UESB, Mestre em Educação- UFS Email: glauberbarros@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado, Geografia, Socioconstrutivismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe apresentar uma reflexão a cerca do ensino de Geografia e o socioconstrutivismo a partir de uma pesquisa de campo desenvolvida em uma escola privada do Município de Vitória da Conquista.

Propõe-se a discutir o Ensino de Geografia, analisando as concepções do professor dessa instituição que atua com a disciplina, tentando entender o que o docente compreende em sua prática e discurso por socioconstrutivismo e detectando se as suas concepções são fruto de formação inicial, continuada ou de sua prática cotidiana.

Para tal análise, foi necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, foram utilizadas obras da Educação, Socioconstrutivismo e Ensino de Geografia que apresentam informações referentes à temática analisada nesse estudo. E uma pesquisa qualitativa de cunho exploratória em que se desenvolveu entrevistas e observação direta durante as aulas ministradas pelo professor de Geografia.

O referencial teórico utilizado constituiu-se principalmente em estudiosos da Educação, do Ensino de Geografia tendo em Cavalcanti (2010) e Ferreira (2006) seus principais representantes. Foram utilizados também Rabelo e Cavalcante (2009), Pimenta e Anastasiou (2000), Ferreira (2006) e Oliva (2007).

A Geografia em Sala de Aula e o Socioconstrutivismo

Segundo Rabelo e Cavalcanti (2009), na perspectiva socioconstrutivista de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ensino, o aluno deixa de ser um simples acumulador de informações, o chamado aluno “receptáculo”, e passa a ser parte integrante do seu processo de ensino-aprendizagem, posicionando-se como construtor do próprio conhecimento.

Mesmo no ambiente escolar o objeto é continuação do sujeito, pois o professor carrega consigo valores e aspectos de sua formação acadêmica, o que interfere na sua maneira de ministrar as aulas e abordar determinados conteúdos. E isso não é diferente para o aluno, ou seja, a receptividade do conteúdo muda de acordo com suas vivências, ser social que é, e o grau de aceitação em relação ao professor. No entanto, o professor não consegue manter um controle em relação a isso, mas que surge involuntariamente a partir do próprio aluno, e não é algo que possa ser pré-meditado. Mas a formação dos professores ainda está presa aos métodos tradicionais de ensino que, por sua vez, tem se sustentado no meio acadêmico ainda ligado a ilusão de neutralidade científica.

As universidades tem se fundamentado no modelo 3+1, separando a teoria da prática científica. Esse modelo, no entanto, fragmenta o conhecimento específico dentro das disciplinas formando, na contemporaneidade, professores “incapazes” de associar ou aliar o conhecimento teórico a prática de ensino.

Nessa mesma perspectiva, o conhecimento se dá não somente pela razão, mas também, pela relação da mesma com o sensível e o emocional. Cabe ao professor proceder ao conhecimento e a identificação de quem são seus alunos, o que pensam, o que sabem, suas expectativas. Só assim poderá adaptar melhor sua metodologia.

O conhecimento tomado apenas como produto perde a riqueza de seu processo de construção, elemento essencial na relação que o aluno precisará estabelecer nas sínteses provisórias do processo de aprendizagem. O aluno não deve ser privado da construção gradativa do seu conhecimento. Caso contrário, o professor continuará reproduzindo o modelo tradicional que remete ao aluno ser

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mero copista de um conteúdo que nem si quer sabe como foi produzido.

Esta forma de ensino, onde ensinar reduz-se a expor os conteúdos na sala de aula e se encontra centrado quase que exclusivamente na ação do professor, foi forjada no modelo jesuíta, este tão antigo quanto a colonização, predominante no ensino superior. Neste modelo, ao aluno resta ouvir com atenção, anotar com atenção, memorizar o conteúdo exposto. Compete a ele memorizar e repeti-lo no momento da avaliação. Nesta perspectiva, a avaliação seria cobrança fiel do que foi dito pelo professor ou apreendido dos livros que este indicou.

Diante disso, o professor competente é identificado como aquele capaz de expor e explicar um conteúdo com clareza e propriedade e manter o aluno atento. É aquele que consegue fazer uma boa palestra;

O próprio sistema de ensino reforçou um comportamento baseado na lógica da exclusão, em pouco criticidade, voltado para os produtos (passar no vestibular) e não na aprendizagem, com ênfase em ações e atividades pouco participativas com turmas numerosas e salas – especialmente as de “terceirão” dos cursos pré-vestibulares – em que a figura do bom professor é identificada com a de um showman, considerando então excelente pela sua capacidade de explicar os conteúdos e garantir a atenção dos alunos.

Um dos aspectos que interfere diretamente na atuação (eficiente ou não) do professor é o fato de muitos alunos efetivam sua entrada no ensino superior com 17 ou 18 anos, sem que tenham tido oportunidade de proceder a uma escolha profissional amadurecida.

A profissão da área de ensino requer dedicação e recorrentes revisões teóricas além de sensibilidade no ato de ensinar o que se aprende no curso superior em sala de aula. Em torno disso, se faz presente a alienação na formação discente que, de certa forma, dificulta que o trabalho em sala de aula seja feito de forma realmente eficaz e a aprendizagem seja concretizada. Se o professor não

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

adquiriu a maturidade necessária para atuar na área durante a graduação poderá ter conflitos pessoais em torno de sua escolha profissional e, como todo pesquisador/professor não é neutro no que faz, os alunos serão atingidos diretamente.

Metodologia

Como metodologia desenvolvida para esta pesquisa se propôs uma pesquisa de campo, o que a classifica como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratória, pois, possibilitou o contato direto do pesquisador com o objeto de estudo.

Por meio de observação direta das aulas de Geografia ministradas em uma escola privada¹²⁵ na cidade de Vitória da Conquista – BA e em entrevista com a docente da disciplina, possibilitou a coleta de dados para a investigação proposta.

A entrevista foi escolhida como instrumento de coleta por facilitar um contato direto com o entrevistado permitindo ao pesquisador a possibilidade de vislumbrar e perceber pelo discurso e concepções do professor sua realidade, de forma mais fiel.

O professor entrevistado é mulher, sendo esta formada em magistério e graduanda em Geografia, o fato dela ainda não ter formado possibilita também uma maior intimidade com a realidade de estudante da profissional, compreendendo também o papel que sua formação inicial está tendo na construção de sua prática quanto docente.

Além das entrevistas foram obtidas observações enquanto fontes de dados para posterior análise que será exposta e discutida, a partir da prática observada em sala de aula, e coletadas pelos pesquisadores. Para o desenvolvimento da

¹²⁵ Pelo fato de ter sido permitido a efetivação da pesquisa com o acordo de que os nomes não seriam divulgados, não apresentaremos durante o artigo o nome da escola nem do profissional envolvido na pesquisa.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

observação direta foi criado um roteiro que norteasse a coleta com coerência, evitando interferências externas na coleta e na divulgação dos dados.

Durante a observação da aula ministrada em uma das turmas da escola, puderam ser observados os seguintes aspectos:

- Relação aluno e professor;
- Frequência;
- Organização estrutural e física da sala de aula;
- Participação dos alunos durante as aulas de Geografia;
- Metodologia da professora;
- Planejamento e execução pela professora;

Após a coleta e tabulação dos dados apresentamos os resultados que se seguem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O socioconstrutivismo quanto proposta metodológica se apresenta como melhor possibilidade de pensar o ensinar de Geografia, por conta da Geografia Crítica se apresentar como um novo pensar da sociedade que deve chegar até ao ensino de Geografia.

[...] como sou uma professora mais moderna no jeito de trabalhar e quem está se formando agora, tem pouco tempo de formado não quer voltar ao tradicional, ao antigo, você quer modernizar. Você leva muito pra sala de aula, pras escolas públicas eu levo muito o meu jeito de trabalhar o socioconstrutivismo: brincadeira, jogos, é bom trabalhar com os projetos. Os alunos de escola pública se interessam também. Tanto quanto os outros. Uma aula diferente eles gostam, não fica aquela aula que eu fico só passando atividade... podem fazer documentários ou analisar junto com eles: o que eles viram e gostaram ou não gostaram. Os alunos já sabem criar os próprios conceitos. O que está faltando é

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

professores para estimular e fazer com que eles (os alunos) possam se soltar, deixar eles participar nas aulas. O professor tem que ser um mediador e não se encarregar de tudo sendo ditador. Não dá pra ficar somente nos conteúdos que os alunos já não agüentam mais ouvir sendo repetitivo, aquela coisa chata. Operatório 4 não tem prova. Os outros também não eram pra ter, mas muitos pais pressionaram a escola para ter prova. A avaliação que a gente faz é no dia-a-dia do aluno. Não precisa ser uma prova para que o aluno fique aflito muitas vezes... deixe ele a vontade para criar. (PROFESSORA, 2010)

Sobre essa última questão levantada, a fala da professora revela que até mesmo os pais das crianças confiam mais em um ensino tradicionalista refletido no tipo de avaliação.

A avaliação, da forma em que se encontra posta na maioria das escolas ainda hoje, é o reflexo do ensino tradicional. A chamada prova, na verdade, não é fonte segura de avaliação do professor em relação ao aluno. No momento em que é marcada uma prova, geralmente o aluno vai rever o conteúdo forçadamente, tentará assimilar ou, até mesmo, decorar, o que é necessário para acertar objetivamente o que se pede nas questões. Isso o deixa estressado, preso a uma verdade absolutizada que precisa reproduzir na prova e sem liberdade de errar na construção do conhecimento. O professor não conseguirá, efetivamente, perceber o andamento do aprendizado do aluno desta forma. Este tipo de avaliação da aprendizagem tem sido encarada como o momento de punição para aqueles que não aprenderam o conteúdo visto em sala de aula.

Segundo Rebelo e Cavalcanti (2010), a avaliação precisa ocorrer durante todo o processo de ensino, por ser parte constitutiva deste processo. Ela deve ser contínua, participativa, diagnóstica e investigativa. As informações obtidas devem proporcionar o redimensionamento da prática pedagógica e educativa reorganizando as práticas de todos os envolvidos nessa atividade. O ideal é que o professor utilize o máximo de possibilidades na hora da avaliação, como, por

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

exemplo: a construção de mapas, relatos de experiências, seminários, maquetes, relatórios de trabalhos de campo, provas, atividades em classe e extra-classe.

A concepção da professora analisada revelou que por conta de sua formação recente ela compreende o socioconstrutivismo, apesar de confundí-lo, como brincadeiras em sala de aula. Ao analisar a prática dela em sala de aula observamos que ela está condizente com suas concepções. Pois,

- Os alunos participam da aula e interagem constantemente com a professora;
- Havia somente seis alunos presentes em sala de aula. Não tem cadeiras uma atrás da outra, ou seja, organizada em fila, o que deixa o aluno mais a vontade. De acordo com a professora, são matriculados poucos alunos nas turmas;
- Os alunos falam mais do que a própria professora;
- A sala de aula é organizada em círculo e a professora interage com os alunos enquanto mediadora;
- Os alunos não demonstram vergonha ou receio em participar da discussão. São interessados e participativos;
- Alunos que interferem na metodologia da professora;
- A dicotomia Geografia física/humana é minimizada através de associações de conteúdos distintos nas duas áreas.

No que tange à concepção sobre socioconstrutivismo a professora aprofunda suas idéias e esclarece melhor o conceito de 'brincadeira' dito por ela durante a entrevista.

Pelo que eu trabalho de socioconstrutivismo, é muito do aluno mais e não do professor que tá ali ditando, falando, escrevendo. É o aluno mais que vai buscando através das experiências. Eles mesmos vão, através de jogos e brincadeiras, começando a se integrar naquele mesmo e vão começando a trabalhar aquilo. O

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

professor é mediador do conhecimento porque o aluno tem que trazer as experiências também da vida cotidiana dele, da família, de tudo ele trás e aqui todos participam. Com um trabalho coletivo, abre as conversas, abre pesquisas, um fala uma coisa e a gente opina de outra maneira. Cada um tem sua opinião aqui. (PROFESSORA, 2010)

A docente deixa claro como deve ser uma prática nessa perspectiva de ensino, levando em conta a realidade do aluno e partindo dela para a construção de um conhecimento crítico em sala de aula. Compreendendo também que realidade deve ser essa vivenciada pelo aluno.

É a primeira vez que estou trabalhando só na área do socioconstrutivismo. Na escola é muito aquela coisa tradicional. Mas aqui a gente recebe os planos, trabalhamos muitos projetos. [...] é mais coisa de pesquisa. Há uma estimulação do professor com o aluno. Eles pesquisam, são levados a biblioteca. Todos aqui tem em casa outras coisas – hoje em dia, a tecnologia, o computador... – são incentivadas a abrir o livro, a estudar, outras fontes. Não fica só na internet. Apesar de toda tecnologia, eu acho que ainda está sendo importante a questão do livro didático, ainda é muito importante. Eu trabalho assim. Eu misturo tudo. (PROFESSORA, 2010)

A formação inicial terá um papel primordial na formação do licenciado quanto a compreensão das teorias da educação e consequentemente do socioconstrutivismo. Sobre a formação que recebe na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e sua prática em sala de aula, a docente afirma que,

É totalmente diferente em sala de aula. Cada dia, cada escola é muita diferença. Você vai ter que se adaptar ao jeito de cada aluno, ao jeito do grupo, as regras da escola – umas menos rígidas, outras muito puxadas pra gente professor. Você vai conseguindo se adaptar ao jeito deles, ao modo, as situações difíceis (tem muitas situações difíceis), mas que, você como professor tem que se

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

adequar...às vezes um aluno cria problemas e você tem que levar com jeito para que ele passe a te respeitar. Tem muito aluno que tem problemas em casa e que traz tudo pra sala de aula e desconta no professor e nos colegas. Você tem que mostrar que o ambiente escolar é seguro. Mostrar que tem o apoio do professor e dos colegas e do pessoal que trabalha na escola. Não tem problema a gente distorcer o conteúdo. O importante é o aluno se adaptar ao que é dado. Você pode criar. Às vezes vou com um planejamento de aula e na hora resolvo e mudo tudo. (grifo nosso). (PROFESSORA, 2010)

Sobre o conteúdo, aspecto levantado pela professora, é preciso ter em mente que “Pedagogizar” não significa tirar a complexidade e substituir a linguagem científica que não tem igualmente valor autônomo, como a jornalística ou a pedagógica [...] (OLIVA, 2007, p.43). Não se deve subestimar a capacidade do aluno de entender o conteúdo na íntegra e o professor, enquanto mediador vai ajudá-lo a decifrar os nexos constituintes.

A Geografia, enquanto disciplina, possui uma característica singular de análise que pode ser usada como ponto de partida conveniente no processo de construção do conhecimento em sala de aula: análise dos fenômenos geográficos e conflitos sociais, materializados no espaço geográfico, por meio da categoria de análise geográfica lugar. O lugar que os alunos conhecem possui as condições para produção e reprodução da vida, formação do conjunto simbólico que encaminham suas práticas sociais dentro das relações de classe.

Pensar a geografia ou o conhecimento geográfico como algo estático, pronto e acabado seria um erro. É como mergulhar-se em um mar de ilusões, ou parar no tempo. O ensino tradicionalmente visto em nossas escolas nada mais é do que isso.

Nessa perspectiva, nota-se que é o que tem acontecido com muitos professores de Geografia. Estes, através de uma prática enfadonha, têm mergulhado em mares de ilusões ou simplesmente estagnados no tempo. São faltas cometidas que são estendidas as salas de aula nas quais os alunos são tidos como

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

meros telespectadores e não sujeitos ativos, capazes de elaborar seu próprio conceito acerca daquilo que acontece a sua volta e que, conseqüentemente, são refletidas em suas vivências cotidianas.

Para Cavalcanti (2010) os professores de Geografia têm o desafio constante de desenvolver um trabalho docente que resulte em uma aprendizagem significativa para os alunos. Mas o que se percebe é que os professores (não na sua totalidade) não tem conseguido associar as teorias à sua prática de ensino. Nesse sentido, percebe-se também o desinteresse por parte dos alunos, pois os mesmos não conseguem entender, quiçá desenvolver um raciocínio crítico/reflexivo sobre algo que é imposto a si mesmo.

É importante e necessário que o professor aceite e compreenda que ele não é dono de todo o conhecimento e o aluno não é apenas um receptáculo, um “ser vazio” (sem conhecimento algum), pois o aluno não é um sujeito estático, inerte. Muito pelo contrário, o professor deve considerar que o alunado já possui conhecimentos prévios adquiridos ao longo de suas vivências e práticas sociais cotidianas. Ou seja, o profissional docente deve compreender que ele é apenas um mediador entre o conhecimento e o aluno respectivamente.

Ao ser questionada se trabalha a realidade do aluno, partindo de sua classe social e sua cultura. A docente afirma que,

Tento mostrar isso, que se tem diferenças não só no âmbito escolar como fora. A gente vai trabalhando e ele vão passando pra gente o que eles sabem das coisas. Meus alunos do operatório 4, faixa etária de 9 anos, estão muito espertos e a maioria deles o pai é professor de UFBA ou da UESB, são advogados, juízes. Então, eles já vem com aquela bagagem cultural. (PROFESSORA, 2010)

Neste trecho da fala da professora fica claro que o processo de ensino não se resolve com um único olhar. Ele exige constantes balanços críticos dos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

conhecimentos produzidos no seu campo. O professor precisa considerar o nível cognitivo do aluno e compreender que o ato de ensinar não se resume a aula somente. (PIMENTA E ANASTASIOU, 2000)

Daí a importância de se discutir os procedimentos alternativos utilizados pelo professor quanto ao ensino de geografia assim como a metodologia. Estas precisam ser ajustadas como estudo mais sistemático dos conteúdos utilizados em prol da formação e ampliação de conhecimentos adquiridos pelos alunos, como afirma Cavalcanti (2002, p. 74):

Um dos critérios para construção do saber geográfico escolar é sua relevância social, ou seja, é a possibilidade de esse saber geográfico contribuir para a formação de cidadãos. Sua presença no currículo deve-se à necessidade que têm os alunos de apreender o espaço como dimensão da prática social que ocorre na história cotidiana dos homens.

Portanto, a prática do profissional que trabalha na área do ensino, ou seja, o professor, deve estar fundamentada em uma base teórico-metodológica, tornando os alunos capazes de desenvolver seu próprio raciocínio geográfico, e que os mesmo compreendam a dinâmica social que constrói, desconstrói e reconstrói o espaço geográfico, independente da escala à qual é utilizada (local, regional, nacional, mundial ou global).

Diante disso, a escola deve assumir uma postura com o ensino de geografia, principalmente no que tange aos procedimentos de investigação e análise do espaço.

O método socioconstrutivista exige, como destaca Pimenta e Anastasiou (2000), a superação da visão do senso comum da docência associada a aula expositiva como forma única de ensinar, visão que reforçava a ação do professor como palestrante e a do aluno como ouvinte e copista de conteúdo. Aula não deve

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ser dada mais construída, feita pela ação conjunta do aluno e professor.

O importante do método socioconstrutivista é que o conhecimento e a inteligência do aluno sejam construídos passo a passo tendo, assim, o professor como responsável neste processo de aprendizagem na qual venha contribuir para a humanidade e, também, na redução das desigualdades sociais.

Para o aprendizado acontecer, de fato, o professor precisa trabalhar em conjunto com os alunos. Desta forma, os alunos precisam adquirir confiança em seu orientador mantendo, assim, uma relação de troca: o professor ensina ao mesmo tempo em que também aprende. A coletividade envolvida na relação professor-aluno permite que a aula não seja apenas dada pelo professor, mas que esta seja construída, feita pela ação conjunta entre professores e alunos.

O professor deve se fazer aberto a todo tipo de diálogo durante suas aulas. Mas, precisa ter cuidado em suas atitudes, pois, tem um papel social específico. Os alunos são bastante influenciáveis pela figura do professor. No trecho da entrevista acima é notável o quanto a docente entrevistada deixou-se influenciar pela figura de suas professoras, mesmo que involuntariamente, em sua escolha futura. É neste aspecto que o professor precisa desvincular-se da figura de alguém que tem a fonte do saber na transmissão da informação como ensino, portador da verdade. Esta postura, como enfatiza Pimenta e Anastasiou (2000), pode provocar uma adoção da estrutura do outro utilizando, até mesmo, a mesma linguagem e palavras.

A ação do aprender não é passiva. Exige informa-se, exercitar-se, instruir-se. Neste sentido, é importante dispensar modelo pronto indo além dele. A perspectiva socioconstrutivista procura desfazer o aprender por imitação, por repetição, por ensaio e erro. Superar o “tomar conhecimento de, reter na memória mediante o estudo, a observação ou a experiência”

São muitos os professores que abertamente resistem à mudança. É no seu discurso que se encontra o reflexo no qual se reafirmam os paradigmas

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tradicionais, com a utilização de um método específico, o qual lhes inspira mais segurança. Há muita preocupação por parte dos professores em torno da possibilidade de se adotar um novo referencial teórico, no qual vem trocar o “certo pelo duvidoso”. É viável a diversidade das metodologias, na medida em que se prioriza a maneira e o ritmo pelos quais também o aluno aprende, deixando claro também que tais mudanças não são salvação de dificuldades, mais sim possibilidades de avanços.

Esta nova proposta tem como objetivo ao reconhecimento de que é necessário ensinar as pessoas para que se possa estabelecer uma nova ordem social em busca de uma qualidade de vida mais justa, da visão de educação como possibilidade de transformação social.

CONCLUSÕES

Para um novo paradigma educacional se faz necessário um outro professor, o aluno não é uma mente vazia que recebe de vez exatamente e igualmente o que o professor fala em sala de aula. Através de sua vivência diária, ele interpreta o que o professor fala de forma diferenciada e, desta forma, o debate seria uma solução bastante viável e rica na construção do conhecimento. Cabe ao professor orientá-lo e ajudá-lo a organizar as ideias adequadamente, não como mera “decoreba” tradicional, mas como algo proveitoso, até mesmo, na vida pessoal dos alunos.

Sendo assim, o professor precisa conhecer os seus alunos, o que eles pensam, o que eles sabem, e quais suas expectativas quanto a disciplina e o mundo. Após conhecer seus alunos, o professor deve adotar uma metodologia que os ajude na construção do conhecimento, sendo este concretizado de forma gradativa, respeitando os limites de cada um.

Os docentes de Geografia devem refletir e repensar suas práticas pedagógicas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

exercidas na sala de aula, procurando novos meios de transformar o conhecimento de seus alunos, incorporando novos temas no cotidiano escolar, para que os mesmos não vejam a geografia como uma disciplina vaga e descritiva apenas, em que os dados da natureza e da sociedade como um todo fossem produto de ordem natural. Sendo assim, compreendendo os fundamentos teóricos e metodológicos de forma crítica e ampla e seus elementos aplicados a geografia escolar, o professor encontrará bases para sua atuação de forma consciente e autônoma.

O importante do método socioconstrutivista é que o conhecimento e a inteligência do aluno sejam construídos passo a passo, no qual o professor exerce apenas o papel de coadjuvante no processo de aprendizagem, pois a ação do “aprender” dos alunos é ativa e não passiva. Portanto, é necessário que o professor inove, a partir de bases teórico-metodológicas sustentáveis, dispensando o modelo pronto de ensino, fazendo com que o processo de aprendizagem ocorra naturalmente, contribuindo para uma humanidade melhor e com menos disparidades sociais.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, L.S. Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócioconstrutivista. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, v.6, n.16, maio/ago. 2000.
- _____. Concepções Teórico-Metodológicas da Geografia escolar no mundo contemporâneo e abordagens de ensino. In: SANTOS, L. L. de C. P. [et al] **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente** – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRA, f. R. F. Desdobramentos do Socioconstrutivismo nas Práticas de Alfabetização. In: **Perspectivas da Educação na Contemporaneidade, 2006, Rsebd**. Perspectivas da Educação na contemporaneidade, 2006.
- RABELO, Kamila Santos de Paula; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A avaliação da**



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aprendizagem em geografia com base na perspectiva socioconstrutivista de ensino. 10^o ENPEG, 2009.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: Um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani. (org) **A geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. D. **Docência no ensino superior.** Rio de Janeiro, Cortez, 2000.